

Memória e história: potências e tensões nos usos de acervos privados

Apresentação do dossiê

Os acervos privados, da mesma forma que os documentos produzidos pelos poderes públicos, compõem relevante tema de estudos para a arquivologia e a história ao se manifestarem como elementos significativos nos processos de construção de memórias, identidades e histórias individuais e coletivas, assumindo traços de patrimônio documental. A isso, soma-se que os documentos privados na dimensão patrimonial conferem um reconhecimento de valor a algo, e isso, especialmente no âmbito local, é permeado por disputas e tensões mais diretas que, em muitos casos, se limitam ao domínio e ao acesso restrito de pessoas tidas como “guardiãs da memória”. Considera-se ainda que, distante dos grandes centros urbanos, a existência de arquivos públicos seja reduzida, o que demonstra grande pulverização de custódia documental em espaços diversos, desde institutos históricos, bibliotecas locais, museus, entre outros. Além dessa dispersão, ocorre um baixo estímulo para entrega ou direcionamento dos acervos de documentação privada aos espaços existentes. Assim, os processos que envolvem os arquivos privados – produção/acumulação, tratamento, aquisição, disponibilização, conservação e usos – são permeados por diferentes demandas memoriais e configuram-se como processos políticos.

Buscamos explorar as conexões entre os acervos privados e a territorialidade, reunindo experiências e reflexões, no Brasil e no exterior, que investiguem, nas relações forjadas entre memória e história, questões relativas à produção/acumulação, ao tratamento, à preservação, às políticas de aquisição, institucionalização e acesso, aos valores sociais, bem como à patrimonialização, às ações, aos usos dos arquivos privados e à história dos arquivos pessoais. O dossiê constitui, assim, um panorama de ações preservacionistas que não cobre apenas espaços tradicionais de custódia, normalmente encontrados em regiões centrais, e permite acompanhar trabalhos que visitam abordagens pouco exploradas pelos pesquisadores.

A relação entre a memória e a história é fundamental para o entendimento dos diferentes usos do passado na sociedade. Vale considerar que, por meio da escrita, se promovem diferentes formas de memória, que transformam o acontecimento memorável. E, na abordagem do documento/monumento, Le Goff (2013, p. 396) permite entender a dimensão de potência para a memória do documento, ao indicar que “todo documento tem em si um caráter de monumento”, o que permite tanto o armazenamento de informações quanto a apresentação visual e auditiva do registro.

O significado da memória para o presente dossiê é fundamental, no qual destacamos a relevância de preservação e acesso aos acervos e aos documentos privados. Joël Candau (2005), em diálogo com Halbwachs (1950), assinala que a memória individual tem sempre uma dimensão coletiva e, nesse sentido, reforça a importância dos quadros sociais para entender a orientação que as memórias individuais recebem de um grupo. Desse modo, pode se tornar semelhante a ponto de produzir uma memória compartilhada do passado, marcada, certamente, por disputas constantes entre lembrar e esquecer, com marcas políticas, ideológicas, institucionais e cotidianas dos indivíduos.

Nessa perspectiva, o dossiê reúne um conjunto de pesquisadores envolvidos na temática de acervos privados com distintas abordagens, preocupações e usos dos documentos. O volume de produção também é expressivo e representa a necessidade de mais investimentos, tanto dos coordenadores deste dossiê quanto de demais interessados, em debates e ações que possibilitem políticas públicas na conservação e preservação dos acervos, bem como o reconhecimento da importância dessas fontes para a articulação entre memória e história na sociedade. Isso é expresso na entrevista de abertura do dossiê realizada com o professor Alexandre Fortes sobre a criação e atuação do Centro de Documentação e Imagem (Cedim) no Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que opera, atualmente, com o Centro de Documentação (Cedoc) de Seropédica. Fortes reforça a importância do investimento da universidade para preservação e divulgação do acervo em uma área distante dos grandes centros urbanos de administração documental. Além disso, ele indica a necessidade de um investimento de todos para a garantia à preservação e à disponibilização da documentação histórica.

Na seção Documento, com o artigo “Escravidão, privatização e democratização dos usos da memória nos testemunhos de africanos na diáspora”, Nielson Rosa Bezerra problematiza e tensiona a privatização de fontes e documentos sobre a temática da escravidão em uma lógica colecionista. Dessa forma, o autor fortalece o debate sobre a relação entre memória e história que atravessa a preservação e a divulgação de acervos privados, destacando os riscos de usos e abusos da ausência de políticas públicas de preservação dos documentos.

Com destaque às medidas de conservação e preservação, em “Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias: preservação do acervo, patrimônio e memória”, Tânia Amaro apresenta a importância de preservar e divulgar o acervo documental da história local, considerando a experiência da construção de um arquivo no Instituto Histórico da Câmara Municipal em Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro. No artigo “História e memória: discussões e reflexões sobre

os arquivos privados nas décadas de 1970 a 1980”, Talita dos Santos Molina analisa os debates acerca da memória social, da história e do patrimônio documental nas décadas de 1970 e 1980 evidenciado em anais de congressos da AAB e da Anpuh, além de revistas relevantes, como *Arquivo & Administração*, *Acervo* e *RBH*.

Nesse sentido, destacam-se os trabalhos que versam sobre a dimensão do local e as potências investigativas com os documentos pessoais. O artigo “Acervos pessoais institucionalizados entre o recurso historiográfico e didático: uma relação entre história regional, currículos e o tenentismo em Campos dos Goytacazes”, de Taiany Felipe, Simonne Teixeira e Claudia Atallah, trabalha a importância dos acervos pessoais, em uma perspectiva do diálogo entre local e global. Essa abordagem também é expressa no artigo “O acervo privado de Francisco Amaral: patrimônio documental, ação parlamentar e as lutas sociais na educação”, de Gilcilene de Oliveira e Damasceno Barão. Os autores contribuem para o debate sobre o papel do acervo privado de Francisco Amaral, um intelectual na Baixada Fluminense, no debate sobre as políticas públicas em diálogo com as demandas do estado do Rio de Janeiro. Já no artigo “Elites empresariais e estratégias de memorialização: legado histórico e usos econômicos da memória no Museu Hering (Blumenau, SC)”, Lucas Voigt lança um olhar sobre os usos estratégicos e econômicos da memória por parte de elites empresariais no Brasil, tomando como exemplo o Museu Hering.

Júlia Fialho Soares e Nailda Marinho da Costa, em “Potencialidades e limites do arquivo privado pessoal de Graziela Maciel Barroso, professora e pesquisadora de botânica”, abordam o significado do referido arquivo para “contribuições teóricas a muitos campos de estudo, como a história da educação, a história das mulheres de/no ensino superior, a história das ciências e a história da botânica”, e reforçam a importância de defender espaços para preservação de arquivos privados pessoais, bem como a sua valorização.

Em “Contribuições do arquivo pessoal de Zila Mamede para a história da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte”, de Patricia Ladeira Penna Macêdo e Jacqueline Araújo Cunha, são discutidas a estruturação e a formação do acervo da instituição. Flávio Conche do Nascimento, em “Os arquivos pessoais em dois atos: narrativas históricas e contra-históricas”, apresenta a organização das coleções e as relações de poder e hierarquias nas narrativas em espaços de arquivo.

A potência dos usos dos documentos pessoais, que atravessam as presenças e heranças da diáspora, é expressa na resenha realizada, por Alessandra Tavares, do livro *Resistência e preservação de saberes ancestrais: redes educativas em terreiro de candomblé na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro*, de Marta Ferreira. A obra de Marta tem como base de análise dez cadernos/diários produzidos por crianças e jovens filhos de santo, e apresenta a contribuição para o campo

dos estudos sobre as construções de saberes em cotidianos de terreiros de candomblé. Tavares salienta como o acervo/arquivo utilizado no livro é “composto por fontes históricas que são construídas afetivamente e na conexão entre quem as produz e sua relação pessoal com o sagrado”.

Seguindo uma dimensão entre os significados dos documentos pessoais para uma leitura coletiva, ressaltamos artigos que operam com destaque às cartas, aos diários e aos registros pessoais. Em “Unir as almas, discutir a nação, impor-se: gênero, guerra e literatura nas correspondências de Teresa González de Fanning a José Enrique Rodó (1897-1901)”, de Elisângela da Silva Santos, são apresentadas as cartas da escritora peruana Teresa González de Fanning enviadas ao escritor uruguaio José Enrique Rodó. A autora destaca como essa troca de correspondências, marcada por figuras intelectuais masculinas que discutiam o destino intelectual do continente, permite recuperar a obra de escritoras silenciadas ou marginalizadas, no debate sobre as identidades do território. Em “A cidade marginal e seus invisíveis: um olhar a partir do *Diário de Moscou*, de Walter Benjamin”, Alessandro Gomes Enoque e Luiz Alex Silva Saraiva analisam os relatos contidos no *Diário de Moscou* escrito por Walten Benjamin. Os autores destacam, por meio dos registros de Benjamin, o “olhar sobre uma miríade de personagens invisibilizados: mulheres, estrangeiros, mendigos, imigrantes, bêbados, entre outros”. O artigo de Silvana Vilodre Goellner e Christiane Garcia Macedo, “Futebol de mulheres no Brasil: a importância dos acervos privados na produção de histórias invisibilizadas”, destaca como as mulheres são “sub-representadas na história oficial da modalidade”. As autoras reforçam que muito do que hoje conhecemos sobre as trajetórias de mulheres no futebol é fruto dos registros pessoais dessas mulheres.

Em “Arquivos pessoais e monarquia: uma investigação do possível terceiro reinado da princesa Isabel a partir do Arquivo Grão-Pará”, Cibele Camargos Pereira e Karulliny Silverol Siqueira também apresentam correspondências. O artigo aborda como os acervos privados presentes no Arquivo Histórico do Museu Imperial possibilitam o debate sobre as possibilidades de um terceiro reinado.

Trabalhos com ênfase nas imagens, sejam fotográficas ou audiovisuais, são abordados em “Inês e Norma: caminhos cruzados em imagens, arquivo e militância”, de Thais Blank e Patricia Furtado Mendes Machado, e “Memórias fotográficas: poses, olhares e lembranças de um educador capixaba”, de André Malverdes e Clara Zandomenico Malverdes. Por sua vez, Bruno de Andrea Roma explora os processos de compra do Fundo Última Hora pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp) no artigo “Um fundo privado para compreender a presença da fotografia no arquivo público: o Fundo Última Hora do Arquivo Público do Estado de São Paulo”.

Muitos são os desafios, limites e potências para o uso dos acervos privados, diante dos avanços e da popularização das tecnologias de informação e comunicação para a divulgação e o acesso a acervos documentais. No trabalho “In the future, will new archives no longer be accessible?”, a partir de reflexão sobre o papel do material jornalístico e a migração e o volume desses dados para plataformas digitais, Lucia Santa Cruz discute em que medida o tratamento da informação afetará as ciências sociais no futuro.

Desse modo, consideramos que o presente dossiê oferece um conjunto de trabalhos significativos para a reflexão dos limites e desafios enfrentados para identificação, preservação e divulgação dos acervos privados. Reforçamos o compromisso de mais investimentos, tanto dos coordenadores deste dossiê quanto de demais interessados, em debates e ações que possibilitem o reconhecimento da importância dos acervos privados para a articulação entre memória e história na sociedade.

Eliana Laurentino (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro)

Renato Crivelli (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Tiago Braga da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)

Editores do dossiê

Referências

CANDAUI, Joël. *Antropologia da memória*. Tradução de Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1997. (1. ed. 1950).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.